MA

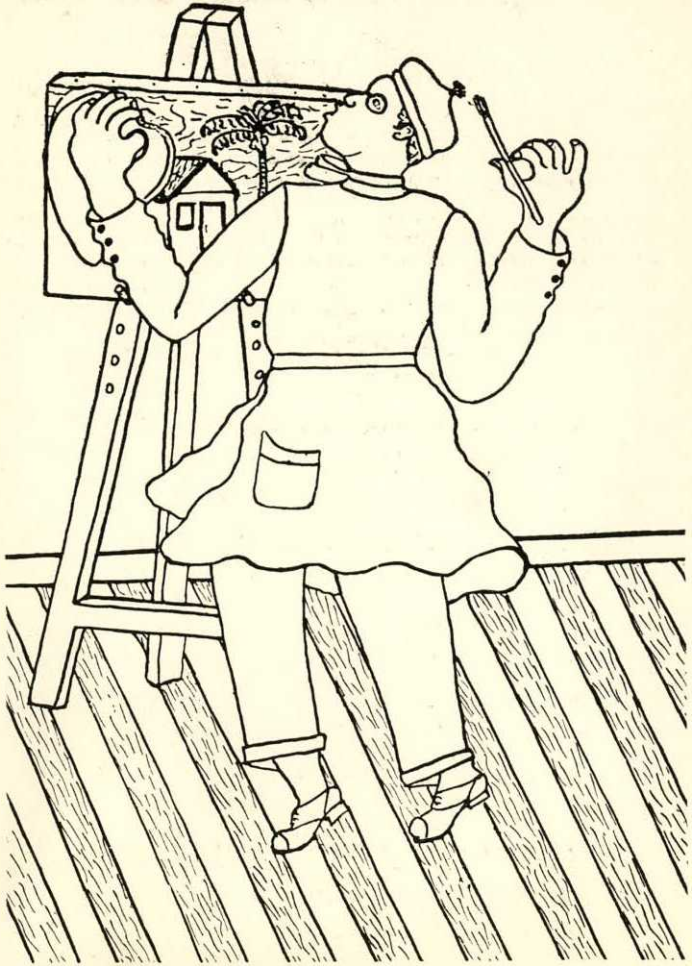
MUSEU DE ARTE
DO RIO GRANDE DO SUL

DIVISÃO DE CULTURA
SEC. DE EDUCAÇÃO E CULTURA

PINTURAS DE

HEITOR DOS PRAZERES

N.º 1 — PAI BENEDITO
N.º 2 — MULHER ABSTRATA
N.º 3 — FREVO N.º 1
N.º 4 — EURIDES
N.º 5 — TINTUREIRO — N.º 1
N.º 6 — A LAVADEIRA
N.º 7 — FAZEDOR DE ESTEIRA
N.º 8 — NUNDú
N.º 9 — GAROTOS DO BALÃO
N.º 10 — HOMEM DO BURRO N.º 1
N.º 11 — TINTUREIRO N.º 2
N.º 12 — LADRÃO DE GALINHA
N.º 13 — PANDEIRISTA E PASSISTA
N.º 14 — MACUMBA
N.º 15 — HOMEM DO BURRO N.º 2
N.º 16 — SAMBA
N.º 17 — CARREIO DE BOI
N.º 18 — CAPOEIRA N.º 1
N.º 19 — TRIO SAMBISTA
N.º 20 — OS TRÊS RITIMISTAS
N.º 21 — O PINTOR E O MODÊLO
N.º 22 — CAPOEIRA N.º 2



HEITOR DOS PRAZERES

No princípio dêste século, especialmente com o Expressionismo e o Fovismo, acentuou-se o interêsse pelas criações artísticas, livres de preocupações de natureza intelectual, tanto na técnica como na expressão, e reveladoras das camadas mais profundas e elementares da personalidade.

Quando Gauguin dizia pretender voltar não aos cavalos clássicos do Partenon, mas aos rústicos cavalinhos de madeira de sua infância, ou quando Vlaminck afirmava serem suas côres verdadeiros gritos do instinto, estavam revelando novas concepções de pintura, que nos ajudam a compreender o sentido do gôsto atual pelo que poderemos chamar a tradução plástica de puros ritmos de vitalidade.

A espontaneidade lírica e a ausência de intelectualismo das artes das crianças e dos auto-didatas passaram a interessar não sòmente aos artistas. Também aos estudiosos dos problemas da criação artística. Os pintores populares ou autodidatas, assim como os artistas negros, desconhecidos e negligenciados durante muito tempo pelos preconceitos acadêmicos, tiveram nos princípios dêste século súbita valorização.

Surgiram então os ingênuos pintores de domingo, como os chamam na França. São artistas sem formação escolar e tradição profissional. Praticam o amadorismo de fim de semana, como Gauguin no início da sua carreira. Pintam por necessidade irreprimível de expressão e criam na mesma disposição de espírito das crianças, isto é, sem preocupações estéticas na representação da realidade.

Objetivam apenas reproduzi-la, com a maior fidelidade possivel, como observou Marcel Brion, porque a amam poèticamente por si mesma. Essa fidelidade minuciosa ao real é o desejo de parecerem eruditos, iguais aos mestres profissionalmente formados, que admiram e às vêzes procuram imitar.

Apesar dêsses cuidados realistas — alguns ingênuos chegam a medir os modêlos para perfeito verismo da imitação — deformam visionàriamente a realidade pela pureza da sensibilidade e graça natural da imaginação.

Êsse mixto de erudição e ingenuidade, aliado ao rudimentarismo da técnica, confere-lhe às obras valores artísticos especiais. Ao lado de cândida poesia, formas e côres desintelectualizadas e vigoroso sentimento de síntese, que contrasta com a escrupulosa minuciosidade dos detalhes.

Ingênuos, auto-didatas, populares, sempre os houve em todos os tempos. Apenas jamais lhes fôra dada a necessária atenção pela conceituação excessivamente intelectual da criação artística. Quando se viu, porém, que os elementos permanentes e válidos da criação artística estão mais na área emocional ou instintiva do que na esfera intelectual ou racional do homem, passaram à categoria de criadores artísticos autênticos, como as crianças e os selvagens.

Diferem, porém, dos primitivos. Êstes, ao contrário, são dotados de maior elementarismo e simbolismo. Expressam de modo imediato ritmos vitais, delegados das fôrças naturais, como já se disse, fundando-se sua expressão plástica em impulsos diretos e profundos isentos de qualquer intelectualismo. Interpretam mais do que representam. Possuem interêsse secundário pela figura humana e deformam a realidade por esquemas mentais, praticando uma pintura de superfície, reduzida a duas dimensões, numa concepção geométrica e, às vêzes, abstrata da imagem visual.

Que a gente se lembre não temos em nossa pintura contemporânea um primitivo autêntico, ao passo que nos últimos anos se multiplicam os ingênuos.

O primeiro foi o celebrado Cardozinho (1861-1942), segundo consta, descoberto por Fujita e Portinari em 1932. Era o nosso "douanier" Rousseau. Participava dos salões da Associação dos Artistas Brasileiros, no antigo Palace Hotel, expondo sereias na praia de Copacabana, que riam quase exatamente com os trinta e dois dentinhos à mostra. Depois de Cardozinho, aparece Heitor dos Prazeres, por volta de 1937. Segundo suas próprias palavras foi nascido nesta cidade, na praça Onze, rua Presidente Barroso, é casado, músico compositor de músicas populares e funcionário do Patrimônio Histórico e Artístico do Ministério da Educação e Cultura, Laboratório de Restauração de Artes, Auxiliar de Restauração.

Já expôs em Londres, Buenos Aires, Nova York e Belo Horizonte. Foi premiado na primeira Bienal de São Paulo, participou da Segunda e das bienais de Veneza e Barcelona, da exposição de radialistas na A. B. I. e na antiga Câmara Municipal e de exposições no Instituto Brasil-Estados Unidos. Em 1959 fêz uma individual na Gea, estêve também no Diretório Acadêmico da Escola de Belas Artes e na prefeitura de Terezópolis.

Filho de Eduardo dos Prazeres e de Celestina, tendo feito completo o curso primário, é um dos poucos ou talvez o único brasileiro que comemora duas vêzes por ano seu aniversário natalício. Nasceu realmente a 23 de setembro de 1898, mas sua certidão de nascimento está com a data de 2 de Julho de 1902. A Rádio Nacional, onde trabalha como músico há muito tempo, todos os anos faz uma festa comemorativa no dia 2 de Julho. Mas tarde, no dia 23 de setembro, o dia legítimo, como êle diz, comemora-se o acontecimento em casa, com a família e os amigos mais chegados.

Quando nas minhas atrapalhações de biógrafo perguntei-lhe qual a data que deveria usar, respondeu: — Bote as duas!

No carnaval de 1932, como musicista popular, obteve o primeiro lugar no concurso oficial, com o seu melodioso e sentido samba-canção "Mulher de malandro". Foi um sucesso no Rio. A letra dizia:

Mulher de malandro sabe ser
Carinhosa de verdade
Trata dêle com tanto prazer
Quanto mais apanha a êle tem amizade
Longe dêle tem saudades...

Jamais havia pintado, apenas musicado. Em 1937, perdeu a espôsa. Fiquei muito dolente, explica, e comecei a pintar. Viúvo, estava morando num quarto barato da rua do Lavradio, que enchia de desenhos e pinturas a gouache. Dissolvia as tintas de maneira inadequada, às vêzes em querozene. Seus temas iniciais foram os mesmos de hoje — cenas do samba, da macumba e do trabalho rural.

Suas côres eram surdas, intensas e tristes, verdadeiramente telúricas, ao passo que o desenho tinha certa angulosidade, mas fortemente marcado, talvez em virtude dos embaraços próprios ao principiante. Pouco depois estava no meio dos artistas profissionais do pincel. Não faltou quem lhes quisesse dar conselhos, ensinar-lhe perspectiva, misturar melhor as tintas, levá-lo à Escola de Belas Artes..

Mas, por um sentimento forte, preferiu ficar no seu canto, pintando como as coisas lhe vêm à cabeça. Escapou dêsse modo ao perigo comum aos ingênuos — o de ficar sabido, aprender certos truques, amaneirar-se, perdendo os valores expressivos.

De suas primeiras pinturas às atuais, o que se poderia notar de mais distinto é um certo senso decorativo do desenho e da composição e maior luminosidade da côr. Estão mais claras e luminosas suas côres e a linha adquire quase sempre um torneio ornamental. Talvez tenha diminuido certo elementarismo, certo teor expressionista, próprio de sua gente, que antes possuia. Contrapõe agora côres primárias vivas e quentes e sem dar-se conta, pois desconhece essas sabedorias, joga excelentemente com as complementares.

Não sei se estará nesta exposição, mas há um gouache grande, filhas de santo dançando numa sala, cortina entreaberta no lado mostrando o altar, de riqueza linear decorativa e cromática sem igual nos trabalhos anteriores.

A constância da sua temática, gente do samba e do campo, é um sinal de sua autenticidade e fidelidade ao meio em que vive. Hoje convive intocado com gente erudita, estetas rabiosos e sofisticados. Só uma vez pintou um nu.

— Onde está?

— Augusto Rodrigues deu sumiço. Deve estar com Abelardo no Recife.

— Por que não pintou mais?

Heitor é sério e cerimonioso. Sorriu:

— É um negócio muito forte. Depois tem que ser no meu jeito. No real...

Outro dia, parecia ter acabado de pintar um samba. O cliente quis levá-lo.

— Não pode, — observou o artista. Está inacabado!

E foi fazer, minuciosamente, um a um, os dentinhos das cabrochas e os ilhozes dos sapatos dos parceiros. No real.

Seu problema é o real, mas como está longe da realidade o nosso poeta dos sons e das côres.

CARLOS CAVALCANTI

MARÇO DE 1965